

TU VAI PARA A ROÇA COM A TUA MULHER

*Entrevista com a avó de um fugitivo da Fazenda
Vale do Rio Cristalino, realizada em Cana Brava,
Mato Grosso, em 08 de agosto de 2000 **

*Binka Le Breton
Delvesa Viana*

Virgem! Estou satisfeita demais. Porque ele trabalhando lá na roça, está parado de beber pinga. Isso é um Céu!

Delvesa Viana, 2000.

A entrevista que se segue foi realizada em parceria por Ricardo Rezende Figueira e Binka Le Breton com o objetivo de reconstruir a história dos fatos ocorridos no sul do Pará no princípio dos anos 1980. Dela participaram cinco entrevistados. O texto abaixo corresponde ao depoimento de Dona Delvesa Viana, avó de José Ribamar Viana Nunes, havendo sido a maior parte da entrevista conduzida pela escritora inglesa Binka Le Breton.

Binka Le Breton - *Dona Delvesa, a senhora é mãe de José?*

Delvesa Viana: Sou a avó e a mãe dele esta ali.

BLB – [...] *Dona Delvesa, o José quando saiu, ele era muito jovem, não é?*

Delvesa: Era de menor.

BLB - *Me conte um pouquinho como foi.*

Delvesa: Eles vieram pegar ele ali em casa mesmo. Vieram no caminho ali em casa. Aí a gente falou... A mim e meu marido falou para ele:

* Naquela oportunidade foram entrevistados:

- José Ribamar Viana Nunes;
- Dona Delvesa Viana - avó de Ribamar;
- Francisco Resende de Sousa;
- Dona Cesarina - mãe de Francisco Resende de Sousa, e
- Dona Luzia
- avó de Francisco Resende de Sousa.

– “Olha, esses meninos são tudo de menor.”

Aí nós não queria que ele fosse, né? Porque inclusive o outro menino ia, aquele lá que fica lá na roça. Ai quando foi na hora, ele falou:

– “Riba, eu não vou. Tu vai?”

Aí ele:

– “Vou”.

– “Se eu fosse tu não ia não”.

– “Mas eu vou”.

Aí nós falou que não era para ele ir, mas ele foi. Ai meu marido falou para o homem:

– “Você vai levar esses meninos, a metade é de menor.”

Ai ele pegou, foi. Depois que ele saiu, o povo pegou a conversar:

– “Lá mata gente. Lá tem muita malária”, aquela coisa.

BLB - *A senhora ficou muito agoniada?*

Develsa: Agonia de noite. Eu não dormia, pensava naquelas coisas... Pensando se não aconteceu aquilo, né?

BLB - *A senhora não chegou a proibir que ele fosse?*

Develsa: Não. Só fiz falar para ele não ir.

BLB - *Vocês brigaram?*

Develsa: Não. Nós não brigou. Nós só fazia dizer:

– “Não”.

O outro falava:

– “Tu podia não ir, Riba”.

Mas ele foi.

BLB - *E quem foi esse homem que veio?*

Develsa: Foi o Batista, que era irmão do Chicô.

BLB - *A senhora já conhecia ele?*

Develsa: Já conhecia ele de São Felix, assim de vista. Sabe? Já tinha visto ele de vista lá em São Felix. De tanto ele pegar trabalhador em São Felix. Ai eu fui para lá, via ele assim lá na casa dele. Que ficava perto. Eu ia perto da casa dele. Os meninos falavam:

– “É o Batista”.

– De tanto ele andar por aqui, porque o sogro dele morava aqui.

BLB - *Ele foi conhecido.*

Develsa: Era conhecido sim.

BLB - *Ele tinha má fama? Como o pessoal achava dele?*

Develsa: O povo achava... Aquele povo que pegava trabalhador para ir para lá, tinha armação, não era? Aí a gente ficava com medo:

– “É melhor você não ir”.

Mas ele foi...

BLB - *A senhora já tinha ouvido falar de outras pessoas que tinham sumido no mundo. Tinha ido para fazenda...*

Develsa: Já, ih... Virge! De tanto o povo falar. Quase toda fazenda era assim. Era só o que eu ouvia falar:

– “Fazenda particular, mata o peão, mata, quase toda”.

BLB - *A senhora deixou ele ir?*

Develsa: Ele queria ir, ué... [Risos].

BLB - *E o seu esposo? O que ele...*

Develsa: O que ele falou foi para o homem:

– “Sabe que esses rapazes aí tudo é menino novo. Trata de trazer de volta”.

Mas ele garantia tanta coisa, não sei o quê. Que lá era bom, não sei o quê...

BLB - *O que ele garantia?*

Develsa: Que lá era bom, que lá não tinha nada disso, trazia os menino de volta, não sei o quê... Assim que ele falava.

BLB - *A senhora falou com ele a respeito?*

Develsa: O meu marido falou. O meu marido.

BLB - *Sei. Falou o quê?*

Develsa: Que os menino tudo era de menor, que ele ia levando os meninos, sabendo que a responsabilidade é dele. Que os meninos era de menor.

BLB - *Ele chegou a comentar sobre o perigo, sobre outras pessoas que ele tinha ouvido?*

Develsa: Não. Ele só fez falar assim com ele.

BLB - *A única reclamação era de ser menor*

Develsa: O que foram era tudo rapazes conhecido. Tinha os amigos dele. Tinha o Zé, do Manoel Jacó. O Zé que morava aqui. O Zé até morreu. Tudo amigo. Era tudo conhecido. Tudo rapaz assim... Tinha deles que era de maior. Mas tudo novo, né?

BLB - *Todo mundo era amigo. Ali tinha um amigo especial?*

Develsa: O outro menino aqui era mesmo amigo mesmo. Toda a vida, até agora.

BLB - E como eles foram? Foram de caminhão?

Develsa: Eles levaram eles de caminhão e quando foi para sair da fazenda foi de pé, vieram de pé. Pegaram carona na estrada. Fez uma farofa e saíram, e deram a ordem de passar nas guaritas. Tinha duas ou três guaritas, não sei... Deram um papel para eles passar e saíram. Quando chegaram na estrada, pegaram carona e tal. Diz que até mulher pagou a passagem para eles.

BLB - E eles ficaram quanto tempo?

Develsa: Não sei quanto.

BLB: Um bom tempo?

Develsa: Ih, foi muito tempo...

BLB - Ele não mandou notícia?

Develsa: Não dava notícia. Ficava só o povo falando:

– “Lá não entra e não sai não... Que eles matam, diz que morre de malária”.

Era assim a conversa.

BLB - E a senhora ficava muito aflita?

Develsa: Pedindo a Deus:

– “Ai Meu Deus. Não deixa acontecer as coisas”.

Era assim.

BLB - E antes que ele saiu, o “gato” deixou um dinheiro com vocês?

Develsa: Não pegou abono, não. Porque sempre, o Riba quando vai para a fazenda, não gosta de pegar abono. Porque ele não gosta de dever. Quando chegou lá, disse que ele tava devendo tudo. O irmão dele, o outro, eu não sei. O irmão dele, que era o Chicô. Diz que falaram para ele:

– “Não. Tá tudo devendo abono, tem que pagar”.

Acabavam um lote, tinha que pegar outro lote. Até diz, que tinha um menino, o tio deles foi lá e disse:

– “Não, você solta os meninos porque eles têm que se apresentar”.

E deixaram os meninos ir embora. Mas deixou ir embora sem nada, sem dinheiro, sem nada. Vieram assim.

BLB - E quando eles voltaram?

Develsa: E quando eles voltaram, uns... Teve três que veio embora na frente. E o Riba e o Zé, do Manoel Jacó, ficou na Vila Rica, trabalhando

para chegar aqui. Ele chegou estava mais amarelo que tudo. Estava magro. Tudo magro.

BLB - Doente?

Develsa: Não estava doente, mas estava magro demais. Amarelo. De ficar no mato a vida toda, de não sair fora.

BLB - Ele tinha sido doente lá? Teve a malária?

Develsa: Não. Graças a Deus que eles não adoeceram. Nenhum.

BLB - Ele tinha apanhado?

Develsa: Não. Não aconteceu deles apanhar, mas todo dia eles viu os outros apanhar. Matar gente lá, peão. Eles nunca conversou com eles porque eles não falavam nada, né? Não falavam.

BLB - Você acha que ele passou muito aperto lá?

Develsa: Acho que sim.

BLB - Ficaram com muito medo?

Develsa: Acho que ficou.

BLB - Ele chegou a contar para a senhora?

Develsa: Contou o que ele via matar gente todo dia. Um cara bateu, amarrou no pau, lá. Tudo ele falava comigo. Não aconteceu com ele.

BLB - Ninguém do time?

Develsa: Ninguém, não aconteceu de apanhar. Graças a Deus. De morrer. Judiar assim, não. Judiarão só de serviço, de passar mal. Mas que ele via todos passando. Peão amarrado de pau, batia, que mataram outro. Outro peão veio de lá com malária. Lá era assim.

BLB - A senhora falou que cada vez que ele ia para a fazenda, ele não gostava de pegar abono.

Develsa: Ele nunca gostou de pegar.

BLB - Ele ia muitas vezes para as fazendas?

Develsa: Trabalhava quase direto em fazenda.

BLB - Quase sempre no sul do Pará?

Develsa: Quase sempre, no Peixoto, por aqui. No Pará, as vez que ele foi, foi nessa vez. No Pará. Mas ele ia para o Peixoto, trabalhava aqui perto nessas fazendas aqui.

BLB - Ele passou pelo mesmo aperto várias vezes? Ou foi só daquela vez?

Develsa: Depois daquela, ele entrou noutro. [Risos].

BLB - *Não me diga... Não é possível... Conte como foi.*

Develsa: Ele foi para Rondônia mais o Donizete e foi muito peão daqui. Aí levaram ele de ônibus [...] A minha nora foi lá no Porto Alegre e estava lá uma peonada. Ela chegou e disse:

– “Fiquei até com medo”.

Ficou lá no meio de peão. Só peão assim desconhecido, sabe?

– “Fiquei com medo”.

Aí ele foi para Rondônia. Aconteceu que o Federal foi lá e tirou ele de lá. Inclusive, esses dias, tem um “gato” bem daqui. Que tava mais ele, do Maranhão. Era conhecido nosso muito tempo... Um tal de Anísio...

BLB - *Um tal de quê?*

Develsa: Anísio. Ele tava contando para nós quando a polícia foi lá, a Federal. Diz que humilhou ele demais. Ele era dos “gato” melhor que tem. Porque ele era conhecido, né? Era dos mais fiel que tem. A polícia humilhou ele, mas não bateu e os outros “gatos”, tudo bateu, na frente dos outros todo. Eles puxaram eles até em Cuiabá e aí vieram embora para casa. Sem dinheiro de novo.

BLB - *Sem dinheiro de novo?*

Develsa: Sem dinheiro de novo.

BLB - *Daquela vez ele recebeu um abono? Um dinheiro... Aquela vez quando ele foi para Rondônia? O “gato” deu alguma coisa para ele?*

Develsa: Não deu. Não to falando que ele não pega abono? Que ele não gosta.

BLB - *Ele não pega abono. Aí ele voltou a segunda vez lascado?*

Develsa: Lascado...

[Interrupção]

BLB - *Mas nas outras ocasiões, quando ele estava fazendo derrubada aqui perto, ele foi pago?*

Develsa: Foi. Pagaram, tudo ele trabalhava, na Boa Esperança. Mas era gente conhecida. Ele trabalhava com gente conhecida.

BLB - *Então sempre dava certo?*

Develsa: Sempre dava certo. Mas dessa vez... Ele recebeu foi nada.

BLB - *Então a senhora acha que as fazendas por aqui estão melhores nos pagamentos?*

Develsa: Estão melhor, mas não é lá é essas coisas também não. Não é boa também não.

BLB - Não é boa? O que acontece?

Develsa: É porque lá é barato demais. Depois que ele arrumou mulher, ele deixava a mulher aqui na rua e ia para fazenda. Trabalhava e quando chegava, o dinheiro não dava para pagar as contas. Era assim. Eu dizia:

– “Tu vai para a roça com a tua mulher. Tu vai para a roça”.

Porque ele tinha a terra dele lá. Mas nunca quis trabalhar lá. Trabalhava para os outros. Isso é a vida de muitos, né? Pai de família que trabalha na fazenda direto.

BLB - A senhora acha que ele gostava de trabalhar nas fazendas?

Develsa: Ele gostava, mas não dava futuro.

BLB - Era sempre muito mal pago?

Develsa: Sempre muito mal pago. E se ficasse [...], ele não ia atrás daquilo não. Foi para lá porque os menino lá ficou bravo. Era assim.

BLB - E quando ele foi, ele saia por aqui com “gatos” conhecidos?

Develsa: Saia sempre com “gato” conhecido, derrubando, roçando...

BLB - Foi bem tratado?

Develsa: Foi bem tratado sim.

BLB - Esses “gatos” conhecidos, eles trabalham com fiscal?

Develsa: Trabalhavam com fiscal.

BLB - O fiscal anda armado?

Develsa: Eu acho que sim.

BLB - Todos eles. E o “gato” também?

Develsa: O “gato” fica.

BLB - Houve rolo [briga] entre “gato” e fazendeiro? De vez em quando isso acontece?

Develsa: Eu não sei.

BLB - Houve rolo entre peão?

Develsa: Lá é difícil... Porque a condição de lá é difícil para caramba. Sei lá, eu acho que acho que se matam... Irmão de sangue e tudo. Acontece.

BLB - Se mata? Por uma briguinha assim?

Develsa: Graças que com ele... Eles não arrumaram briga lá não. Porque meus meninos aqui são muito corretos. Eles não caça briga com

ninguém. É assim porque aqui, um vizinho que conhece, se alguém quiser brigar com ele... Eles se desvia, né? Nunca aconteceu com eles. Eles já teve no Peixoto, já teve no... Mas Graças a Deus... E era tudo com "gato" lá. Nos lugares para lá. Mas, Graças a Deus, nunca aconteceu nada com eles.

BLB - *Ele não gosta de tomar uma pinguinha, não?*

Develsa: Gostava. Agora esses dias nós chegou ele na parede aí. Agora ele está sem beber. Ele não bebia assim muito, como ele andava, né? Ai ele danou a beber, estava bebendo demais. Aí nós ajuntou ele, demos um conselho para ele, Graças a Deus que ele está largado agora.

BLB - *A senhora ficou brava com ele?*

Develsa: Nós brigamos com ele, os irmãos, o pai... Ele está quieto agora. Não sei se vai voltar a beber.

BLB - *Ele é casado?*

Develsa: Ele não é casado. Ele é junto com aquela mulherzinha lá... Não tinha uma mulher lá?

BLB - *Tinha.*

Develsa: É a mulherzinha dele.

BLB - *É a primeira mulher que ele...*

Develsa: Não. Ele arrumou outra aí, uma vez, mas não casou e largou. Passou uns dois anos com ela e largou. Faz uns seis anos que ele está com essa.

BLB - *Essa é a segunda mulher. Ele tem filhos?*

Develsa: Ela tem. Ele não. Ela tem dois filhos.

BLB - *Eles estão criando esses...*

Develsa: Estão criando. E ela nem vai ter filho mais, porque ela é operada.

BLB - *Agora que ele foi para roça, ele está satisfeito?*

Develsa: Ele está animado:

– "Vou para roça, porque eu não tenho dinheiro para comprar não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê"...

Vai para roça. A senhora viu que ficou poucas horas lá, os tanto de galinha que ela já tem, que vai trazendo para rua, para vender... [Risos]. Ele e a mulher vivia assim, triste...

– "O que você tem, fulano?"

– "Nada"...

Mas era a pinga. Aí nós pegou ele na parede para ele largar de beber. Agora ele está mais animado, está mais alegre. Está fazendo o trabalho dele. Agora ele está mais animado.

BLB - *Ele está feliz?*

Develsa: Está feliz. E nós estamos junto [...] O outro fica lá na fazenda dele mesmo. Na casa mais do lado. Vocês não foram lá? Está lá e a mulher tá junto. Ele ajuda muito ele lá. Está animando.

BLB - *Então a senhora está satisfeita também?*

Develsa: Virgem! Estou satisfeita demais. Porque ele trabalhando lá na roça, está parado de beber pinga. Isso é um Céu! [Risos].

BLB - *Quando ele estava trabalhando na fazenda?*

Develsa: Eu não dormia de noite... Sabe como é mãe, né? Sei lá... Acho que mais é boba, porque a gente fica pensando: o que vai acontecer? Meu Deus! O que está acontecendo? Quando saiu essas conversas, quando ele foi para o Pará e saiu essas conversas, o povo falava:

– “Lá eles trabalham e não recebem, peão trabalha e não recebe. Eles mata peão, adoecer”.

Virge! A gente deita de noite e não dorme. É ruim, viu? Graças a Deus que agora eu estou sossegada porque eles estão tudo na roça, para lá. Para mim é um sossego.

BLB - *Quando ele estava trabalhando nas fazendas, ele ficava fora um mês, dois meses?*

Develsa: Ih... Ficava era seis meses. Teve uma vez que ele foi e passou mais de dois anos lá.

BLB - *Dois anos? Ele voltou?*

Develsa: Quando chegou estava doente de malária. Ele teve uma malária tão brava aí que ficou com essa malária, ó... Aí que o outro pegou ele e levou para Goiânia. Ele tratou. Ele já tava vomitando sangue... Aquela raia de sangue.

Ricardo Rezende Figueira: *Peixoto é muito longe?*

Develsa: É... É como... Alta Floresta.

BLB - *Foi o fazendeiro que levou?*

Develsa: Foi nada. Foi por conta própria. Dessa vez não foi o fazendeiro que levou. Foi por conta dele.

BLB - *Mas, no geral, ele foi tratado nas fazendas. Como foi o trato, o tratamento dele nas fazendas? Foi razoável?*

Develsa: É o que eu estava falando para senhora: recebe de um aqui, recebe de outro acolá, coisa que não dá futuro, né? Tudo é maltratado.

RRF - *Por que ele foi ao Pará com 17 anos?*

Develsa: Ir para fazenda? A ligação, porque os outros iam, né? Os outro ia:

– “Ah, eu vou também. Ganhar dinheiro”.

RRF - *O sonho era ganhar dinheiro, a senhora acha?*

Develsa: Aí o outro lá, falou assim... No começo ele falou assim:

– “Eu vou também”.

Aí quando nós pegou a reclamar, ele falou:

– “Eu não vou mais”.

Aí ele falava assim:

– “Riba, tu vai”?

– “Vou”.

– “Ah, Riba, se eu fosse tu, não ia não”.

– “Mas eu vou”.

Falava assim.

RRF - *O Riba era mais amigo de qual dessa turma?*

Develsa: Ah, dessa turma?

RRF - *Qual? O Zé? O Chico? Ele era mais amigo do Chico?*

Develsa: Do Chico. Amigo do Chico toda a vida. Até hoje. É amigão dele.

RRF - *É... E do...*

Develsa: O Zeca Libório. Esse era amigo dele também demais... Esse já morreu.

RRF - *Era amigo de encontrar toda semana, como era?*

Develsa: Todo dia... Conversava aqui na rua direto.

RRF - *O Zé que morava aqui na rua?*

Develsa: O Zé que morava. Encontrava todo dia.

RRF - *E aí, tomavam cerveja ou... O que fazia?*

Develsa: Tomava cerveja, tomava uma pinga, era assim.

RRF - *O Zé que tomava muita pinga?*

Develsa: Tomava demais.

RRF - *De ficar bêbado?*

Develsa: Ficava.

RRF - *Ele não casou por que, o Zé?*

Develsa: Não sei... [...]

RRF - *É difícil homem casar aqui é? Tem pouca mulher?*

Develsa: Até demais, mas para casar é poucas que quer.

BLB - *Poucas mulheres que querem casar?*

Develsa: Poucas que querem. Aí tá cheio de mulher sem marido. Só nós. [Risos]. E homem também sem mulher. Só nós.

RRF - *Essa incutição de viajar, esse sonho, estava um pouco ligado a poder conhecer outra cidade, outra região?*

Develsa: Eu acho que sim. Só pode, né? Ele era novo...

RRF - *Agora, se o menino não voltasse, a senhora era capaz de dar um pulo lá atrás dele?*

Develsa: Como eu ia? Sei lá. Sei não. Sei lá...

RRF - *Não sabe não?*

Develsa: É difícil tentar, né? Graças a Deus que foram lá. Porque só eles que tinham saído que sabem o que tinha lá, né? Que precisa sair. Porque você sabe que de lá saiu todo mundo... Liberou todo mundo.

RRF - *Liberou quase mil pessoas...*

Develsa: Essas pessoas sofrendo. E nós aqui. Como ia lá? Não ia não.

RRF - *A senhora acha que tem "gato" bom?*

Develsa: Eu acho que não tem não. Na minha idéia, não.

RRF - *E fazendeiro bom, tem?*

Develsa: É bom até o povo trabalhar para ele, mas nada. Eu acho que não tem não.

RRF - *O marido da senhora estava trabalhando naquela época?*

Develsa: Trabalhava só em roça. Trabalhava em roça direto.

RRF - *Estava muito apertado?*

Develsa: Muito apertado. Porque a gente sempre tava muito apertado. Trabalhando na roça.

RRF - *Os meninos queriam muito uma roupa nova, uma bicicleta?*

Develsa: Sempre é isso, né? Pensando em melhorar. Não tinha jeito para ajudar.

RRF - *A senhora disse que ele falou que queria viajar. A senhora achou que não devia. O pai achou que não devia?*

Develsa: Nós falou com ele para não ir.

RRF - *Quem é que manda? A senhora ou o marido?*

Develsa: É fogo. É nenhum. Porque ele foi assim mesmo, sem nenhum querer. A gente não pode empatar também. Um bom serviço, a gente falar:

– “Não é, não vai, não vai”...

Inclusive o menino nosso, o mais velho. Esse que tem o armazém aí, ele foi trabalhar numa firma, ele era de menor, tinha 14 anos. Porque sempre a gente... É chato não tem o que dar para os filhos. Aí ele queria trabalhar para firma. Aí nós falamos assim:

– “Você podia não ir”.

Mas a firma não pegava se é de menor sem ter o responsável. Nesse tempo nós morava no Chapadinho, não morava aqui, aí tinha um conhecido nosso que trabalhava na firma, conhecido nosso, amigo nosso lá. Aí nós falamos para ele:

– “Leva esse menino, você é o responsável por ele, sempre”.

Aí ele foi trabalhar naquele firma, ficou dez anos trabalhando nessa firma. A gente fica com medo de dizer:

– “Não, não vai”.

E aí dizer:

– “Estou ruim porque não fui”.

RRF - *O José Ribamar começou a trabalhar com que idade?*

Develsa: Ih. Ele já trabalhava por aqui, sabe? Para os outros assim com dez anos... Com nove trabalhava mais nós na roça. Nós chegamos aqui em 80, eles era tudo pequeno. Não era assim novo, não. Nós chegou aqui em 80. Aí nós foi plantar essa roça. Nós plantamos ela todinha. E era com ajuda deles. O Riba, do Valdemir, que era o cabeçaço.

RRF - *Se a senhora encontrasse aqui na rua com o empreiteiro, com o Batista, sabendo que ele estava preso lá, o que a senhora ia fazer?*

Develsa: Não ia achar bom, né? [Risos].

RRF - *A senhora era capaz de chegar perto de Batista e dizer: – “Cadê o meu filho”? Tinha coragem de enfrentar ele?*

Develsa: Era sim. Tinha. De perguntar tinha.

RRF - *E de brigar com ele?*

Develsa: Não... Não sou de brigar... [Risos].